

Um problema que já não se
Resolve apenas com pás e
Picaretas

Semanário Angolense.
.07-04-07

Ao aprovar um investimento de 1,1 biliões de dólares, a Serem afectados em um ano ou pouco mais na Reabilitação da rede viária de Luanda, o Governo está a Tomar isso como o antídoto radical para o caótico Problema do congestionamento do trânsito em Luanda. Tudo indica, contudo, que a medida adoptada poderá Nem sequer resolver em mais de 50 por cento as Preocupações dos luandenses numa matéria que atingiu Dimensões ciclópicas. É que o Governo está a encarar O assunto numa perspectiva redutora, ao colocar o Acento tónico nas vias rodoviárias - isto é, nas Acessibilidades -, como se o problema residisse somente Na falta de estradas ou nas artérias de tal forma Esburacadas que mais parecem cartões de ovos. Tal como a situação se mostra, não é preciso ser-se «Mago» para concluir que a solução tem de ser Encontrada numa perspectiva integrada e sistémica. Quer isto dizer que já não basta construir estradas ou Alargar vias, quando o problema, ao ponto que atingiu, Também já se coloca num relativo excesso de veículos Automóveis e num descuidado sistema de transportes Urbanos. Na realidade, há muito que a questão deixou de ser Apenas um caso de pá e picareta. A par das estradas, faz Falta pensar melhor em comboios e metro de superfície (por que não?) que contribuiriam em grande medida Para desincentivar o uso constante de automóveis Particulares (ler mais sobre este assunto noutra página). A estrada de Catete, claramente um dos pontos de estrangulamento da cidade no eixo Luanda-Viana, já parece um caso irremediavelmente perdido, se a perspectiva for somente alargar. É que ali já não há nada para alargar, a menos que o Estado queira entrar em onerosos e desgastantes litígios. Existem muitos mais trechos da cidade com o mesmo problema, que certamente tem raiz histórica, pois que os administradores coloniais conceberam Luanda com ruas na sua maioria estreitas. Mas este é um problema que se agudizou com a actual explosão demográfica que faz da capital angolana uma desorganizada e descontrolada megalópole. Faz todo o sentido que se melhorem as vias secundárias e terciárias, que se criem alternativas como a execução de vias rápidas e circulares externas ou internas (se isso for possível), mas a experiência já nos ensinou que é trabalho demais para ser concretizado num único ano. Mas mesmo quando vierem a ser concluídas as obras viárias projectadas nas zonas periurbanas, esbarraremos sempre num gigantesco Adamastor: a elevada cifra de automóveis particulares

existentes. (...)

Propostas do género não têm nada de extraterrestre, embora seja verdade que dificilmente encontram exemplos similares pelo mundo a fora, já que o modelo universal seguido tem sido a concentração dos grandes órgãos governamentais em latitudes únicas, como sejam as capitais administrativas.

Porém, no ponto em que o país está, não seria despropositado considerar, ao menos, a deslocalização de departamentos e órgãos ministeriais de carácter mais especificamente ligado à execução de programas no terreno. No caso do aludido Ministério da Agricultura, departamentos ligados aos programas de desenvolvimento florestal, extensão rural e comercialização agrícola podem perfeitamente ser fixados nas regiões onde eles mais necessários se mostram.

Advoga-se que além de contribuir para o descongestionamento da capital, este tipo de propostas tem outras virtualidades como as de levar o desenvolvimento e centenas de trabalhadores para outras paragens do país, atenuando igualmente as assimetrias sociais e económicas.

Seria, por isso, um bom ponto de meditação ver se conglomerados como a Sonangol e a Endiama não teriam maior serventia se estiverem localizados em regiões como as do Soyo (ou Cabinda) e das Lundas, respectivamente.

Em suma, quer tudo isto dizer que os problemas viários de Luanda não se resolvem apenas com a criação de mais acessos, mas também com uma política encadeada de transportes, descentralização administrativa, criação de novos pólos urbanos, etc. Não constituiria, pois, pecado algum que as autoridades comecem a ponderar a criação de uma nova capital política e administrativa. Se o mundo nos dá exemplos como os do Brasil (Rio de Janeiro e Brasília), dos Estados Unidos da América (Nova Iorque e Washington), da nossa vizinha África do Sul (Joanesburgo e Pretória), Angola bem pode ter Luanda e outra cidade qualquer!